

A Passagem

Você tem de estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?

(Assim Falou Zaratrusta, Friedrich Nietzsche)

Houve um tempo que um jovem homem conjugou matrimônio com três belas mulheres. Como isso se deu, não é de todo o caso neste momento. De fato devemos nos ater a demasiada importância que havia no amor deste quarteto. Como posso dizer, de um para “os outros”. Há de se realçar que onde passavam conseguiam por competente habilidade chamar a atenção. Destoavam dos transeuntes mesmo ao passarem dispersos, pois eram independentes, no entanto interligados por conjugação energética. Até a mais ingênua criança saberia que eram iguais e pertencentes, por intuição. Entre eles o amor transcendia a carne e as condutas pré-estabelecidas. Eram quatro contudo pareciam um, e assim seguiram os anos a compartilhar suas vidas como as células os nutrientes de um só corpo.

Ádamo, o ente masculino deste corpo coletivo, amava-as sem distinção peculiar, pois embora elas fossem diferentes entre si, possuíam natureza semelhante ao serem livres. Era mais passível de se considerar que Ádamo fosse mais dependente delas, do que elas dele. Alicerçou sua vida em volta das graciosas singularidades que cada uma continha. De personalidade forte e sedutora impressionava onde chegasse, mas tinha como única fraqueza o terrível medo de ser privado daquelas mulheres, que ano após ano passou fortemente a amar. Ádamo era o mais jovem dos quatro. O amante mais ardente, disponível por natureza. Havia se especializado nas artes do amor e desistira de toda vida mundana ao conhecer suas três obsessões. Ádamo tornara-se o equalizador energético das três, afinal não é de todo espanto, pois em um ambiente com três mulheres às vezes as coisas ficavam tensas a cada mês.

Das mulheres quem se destacava era Naiara. Fazia-se do tipo que ou se amava, ou se cultivava intenso ódio. daquelas mulheres que não se esquece ao conhecer. Extremamente competente por natureza, possuía a rara habilidade da liderança nata. Não é a toa que dava a impressão de ser a base daquela relação. O ponto forte que a tudo suporta. E dentro dessa característica de *persona* intensa se destacava ainda por sua magnífica beleza. Negra de corpo perfeitamente delineado, tinha os olhos sólidos como espadas desembainhadas e Seus cabelos, uma reunião de longas tranças primorosamente enlaçadas, que constituíam o conjunto da nobre beleza afro descendente. Naiara era a mais experiente da relação. Possuidora de um charme natural, tinha porte de rainha, e, por uma curiosa coincidência do destino, seu nome significava “aquela que comanda”.

Moravam em uma casa ao fim de uma ladeira que ficava de frente a um bosque de antigas árvores. A casa era modesta. Isso era. De certo bem pequena para os quatro viverem, todavia viviam bem. O conforto era suficiente para fertilizarem o amor dia-a-dia em suas reuniões carnavais no quarto das Três, o maior dos cômodos daquela despreziosa residência. À ida do sol, Ádamo sempre clamava uma a uma para deitar consigo e assim faziam carícias mútuas como que fisingando o sono a embalar seus corpos para o mundo dos sonhos. Às vezes dormiam dada a chegada prematura do mesmo. Às vezes, pelo torpor da exaustão de gozos mordidos que o frenesi amoroso infligia aos lençóis. Certo dia, ao clamor do jovem para se dar à cama, uma delas não foi. Chamava-se Sofia.

Sofia era a que tinha a personalidade mais forte das três. Era também a que tinha a beleza mais exótica. Cabelos lisos, de uma forte sombra negra, após as raízes tinha os cabelos multicoloridos. Não era alta nem baixa. Possuía curvas modestas, porém de vigorosa atraência, e seu sorriso continha potente simpatia indo unir-se aos olhos de singela beleza asiática. Entretanto, Sofia estava triste. E naquela noite recusou-se a ir para a cama. Foram apenas os três a deitar sob os lençóis. Se acariciaram e fizeram amor, porém com a satisfação incompleta, pois lhes faltava Sofia. E antes de dormir questionaram o porquê de comportamento tão incomum. Isso incomodou o jovem Ádamo, pois de todas as coisas que para ele eram ruins, a única que não suportava era ver uma de suas mulheres insatisfeita.

Sofia era marcante por ser a alma criativa daquela excêntrica família. Vivia a pintar e a enfeitar a pequena casa com seus apetrechos de cores fortes. Criava obras de artes magníficas, escrevia belos poemas e compunha músicas que tocavam a alma, quando felicitava o mundo com sua extrema alegria, dançava. Corria pela casa e arrancava sorrisos dos seus conjugues/amantes. Adorava Naiara que por sinal também a estimava. Eram as mais sinérgicas daquela conexão mútua. Contudo naquele dia Sofia portava a misantropia dos poetas malditos, e não queria contato com ninguém. Ao entardecer,

em sua prematura chegada do ofício, sentou-se ao som, na sala, pôs um antigo CD e com um cigarro nas mãos, assim ficou até altas horas, interrompendo sua inércia apenas para pegar doses de vodca com gelo.

Pamela, a mais bondosa das três, foi a que mais sofreu do acolhimento aflito e de tão súbito de Sofia. Antes de se recolher, passava às vezes, diversas vezes, pela sala, e sofria consigo. Pamela tinha a especial qualidade da abnegação. De olhos claros que transmitiam sincera bondade possuía as formas fartas e uma aura de misticismo. Usava saias longas de panos suaves, adornos por todo o corpo e tatuagens de deuses indianos. De fato brilhava, era dona de intensa luz, que suas características nórdicas realçavam. Mas naquele dia apagou-se com Sofia, e no amar daquela noite refreada foi mais passiva que de costume.

À quarta repetição do CD, Sofia o pôs novamente e pegou um novo cigarro no maço. O CD reunia um conjunto de músicas nostálgicas que despertavam profunda melancolia. Em sua cabeça pairavam pensamentos a velocidade da luz. Não saberia o que dizer aos seus. Logo perguntariam o porque de sua tristeza. Mas foda-se! talvez fosse de bom grado, afinal precisava desabafar. Não poderia suportar por muito tempo aquela extrema aflição. Embora inconscientemente cultivasse aquela dor, se sentia imensamente culpada pelo que fizera. A cada gole de vodca ia ficando desesperada. Foi até o cômodo do pequeno escritório da casa. Recolheu de uma gaveta um saco, com grande quantidade de erva, e um estojo com apetrechos de fumantes. Se dirigiu ao banheiro, tirou do bolso uma tampa de caneta, que continha outro saco em seu orifício, este de menor porte, agora com uma substância branca. O abriu e com a ponta daquela tampa coletou razoável quantidade de pó que aspirou rapidamente. Por que você está fazendo isso? Naiara a surpreendera. Preciso desestressar, disse Sofia. Não acho que você vá conseguir usando cocaína, repreendeu Naiara.

Enquanto isso, no quarto, a preocupação se intensificava. Eram poucas as palavras, limitavam-se a olhar-se dizendo tudo através de suas feições. Numa dessas, impaciente, Naiara levantou-se e disse apenas duas palavras. Deixa comigo. Confiados em Naiara, Ádamo e Pamela permaneceram deitados, contudo atentos para os sons que vinham lá de fora. Pamela, deitada sobre o peito de Ádamo, acariciava sua barriga e pensava nas possíveis causas daquela situação. Talvez ela tivesse apenas em um de seus dias ruins. Sabia que Sofia era inconstante. Às vezes era melhor deixá-la sozinha, senão poderia receber uma patada daquelas. Não gostava de brigas, muito menos de motivar situações desagradáveis. Pamela era do tipo que preferia receber as ofensas calada, ao reagir a seu ofensor. Ádamo já ansiava por estar lá com Sofia. Sabia que, embora Naiara fosse muito competente para direcionar situações, quando se tratava de Sofia às vezes se deixava dominar pelas emoções.

Por que você não foi para o quarto conosco, anjo? Preciso fumar um! Usar qualquer coisa, senão vou ficar louca, desabafou Sofia. Vamos! Eu fumo com você hoje. Mas você não fuma Naiara, porque quer fazer isso agora? Sou dona do meu nariz, não sou!? Vamos logo! Faz isso aí e relaxa. Me diz o que está acontecendo, por que eu não agüento mais esse CD depressivo. Falou puxando uma cadeira na cozinha. O que tá rolando contigo, nega? Desde que você chegou tá nessa depressão. Tô ficando com medo, logo vou esconder as facas, disse sorrindo. Entretanto as brincadeiras de Naiara não tornaram efeito. Sofia retornou um olhar gelado enquanto velozmente finalizava o baseado ao lambear as bordas do papel. Não disse nada, apenas pegou um isqueiro no bolso e acendeu, deu uma forte tragada, duas, três vezes, pôs os dedos no nariz bloqueando-os e depois de alguns segundos libertou os pulmões dizendo. Pega, talvez seja melhor você fumar hoje, mesmo. Desconfiada Naiara pegou o baseado, o pôs na boca e a todo o momento fitava os olhos de Sofia. Puxou a fumaça desajeitada e ao final do intento, começou a tossir. Pega essa porra! Tu vai me falar o que tá rolando ou não, Sofia?! Pressionada, seus ombros ficaram tensos, seus lábios se apertaram. Com a situação e o recém efeito da cocaína, ficara em estado de alerta. Era melhor esperar com que Naiara sofresse o efeito da erva. Talvez ficasse com menos raiva. Mas a olhava e ela não parava de encará-la. Seu olhar dizia, e aí? Conta logo! Foi ficando mais tensa, passou novamente o baseado foi até o maço de cigarros e acendeu novo cigarro. Respirou fundo e como libertando-se de um fardo vomitou a afirmativa. Perdi meu emprego! Naiara ficou em silêncio, olhou para o lado parecendo assimilar a informação, olhou novamente para Sofia. Como assim?! Reagiu indignada. Porque o filho da puta do teu patrão fez isso?! Sofia não havia contado tudo, fumava mais e mais. Como iria dizer o porquê de ter sido despedida, logo para Naiara. De quanto vai ser sua rescisão, insistiu Naiara. Já angustiada Sofia replicou impaciente. Não, Nai! Tu não tá entendendo. Ele não admite mais minha presença na empresa. Mas como? Você é a maior publicitária que eu conheço. O que aquele cachorro quer? Foi justa causa, Nai... Um novo silêncio permeou o ambiente. Naiara engoliu o ar no susto, ficou confusa, passou a mão na cabeça, voltou a olhar pra Sofia esperando a melhor explicação pra aquilo. Não obteve resposta, se levantou, deu alguns passos, voltou, sentou-se, pegou o baseado e tragou profundamente. Tudo bem, nós podemos segurar a onda por um tempo. Agora por que tu levou justa causa, gata?! Era chegada a hora de dizer a verdade. Não podia mais adiar o inevitável. Teria

de aturar as conseqüências dos seus atos. Meu patrão me pegou transando com a mulher dele, na sala dele. Aquela fora a pior parte. Mas cabe esclarecer certos detalhes da relação dos quatro.

Embora fosse uma relação incomum, relações extraconjugais eram permanentemente inadmissíveis naquele quarteto. Na origem de tudo haviam estabelecido tais regras, dentre outras. Decidiram “casar-se” por não verem necessidade em qualquer outro tipo de relacionamento, comum ou incomum, que envolvessem mais pessoas, dos que as já previamente envolvidas. Para ambos estava estabelecido: Outros tipos de relações já não satisfaziam mais. Acima de tudo para Naiara, que era a mais possessiva dos quatro, aquilo era uma tragédia! Uma extrema ofensa a sua auto-estima e autoconfiança. Fazia de tudo para que nenhum deles desejasse algo fora do relacionamento a quatro. E pior, esperava aquilo do Ádamo, mas não de Sofia. Fora definitivamente a pior das traições.

O Que, Sofia!?! O que foi isso que eu ouvi, cara?! A essa altura Ádamo e Pamela já estavam à porta tentando entender o que se passava até ali. Sabiam que quando Naiara estava exaltada boa coisa não era. Mas Naiara estava mais do que isso, levantou-se da cadeira abrindo os braços e disse. Fala logo Sofia! Me diz que eu não entendi o que eu entendi?! Para de gritar Naiara! Eu sei que fiz merda, Porra! Perai galera! Interrompeu Ádamo. O que ta acontecendo aqui? Não sei, pergunta pra Sofia. Disse se retirando ao esbarrar pelos dois que se encontravam incompreendidos. Pamela foi à direção de Sofia, pegou-a pela mão e trouxe para si. Vem cá Sofia, me fala o que aconteceu? Eu sou uma burra, vocês nunca vão me perdoar. Dizia entre lágrimas. Opa! calma, calminha meu anjo. Consolou Ádamo. Que isso?! Não entra numa, por que nos não vamos perdoar você? Ao ouvir aquele falso alívio de Ádamo, ao lembrar da decepção no rosto de Naiara, Sofia despreendeu-se de Pamela pegou o copo de vodca, engoli-o de um só golpe, e dirigindo-se para a porta do banheiro, falou. Eu fui pega transando com a esposa do meu patrão! Por isso fui despedida. As palavras seguiram-se de um silêncio súbito após a forte batida da porta do banheiro. Ádamo e Pamela paralisaram. Naiara surgiu à porta do quarto, voltando-se para o banheiro, consternada. Sua feição era de horror. Seus olhos foram ficando vermelhos e seu coração palpitava convulsões epiléticas. Após alguns segundos de imprecisão Naiara socava a porta gritando os mais terríveis xingamentos e ofensas, dirigidos a Sofia. Como tu pôde fazer isso, sua prostituta!?! Foi procurar uma buceta fora daqui, sua piranha! Eu odeio você!!! Abre essa porta pra eu esmurrar tua cara, vagabunda!

Pamela dava início a um choro compulsivo, enquanto Ádamo conflitava entre seu sentimento de mágoa e preocupação. Nunca havia visto Naiara daquele jeito. Ao seu lado Pamela desesperava-se. Não fazia a mínima idéia de como reagir àquela informação. Como homem tivera seu ego ferido. Sofia o traíra também, e, inevitavelmente, passara a pensar o que ela havia visto naquela personagem, até então desconhecida. Naquele momento a família entrara em colapso. Lá dentro Sofia dava cabo à embalagem de pó. Ligava a torneira, limpava o nariz. Aspirou profundamente o conteúdo que passava por suas vias aéreas e olhando-se para o espelho dizia para si mesma, concordando com Naiara, que a humilhava do lado de fora. Isso mesmo, você é tudo isso sua idiota! Abriu a porta com toda a força, encarou Naiara de frente e disse. Todas nos somos sua vadia! Recolheu sua bolsa calçou as sandálias e saiu. Naquele noite ninguém dormiu, nem conversaram nada. Pelo contrário. Iniciou-se uma nova fase de suas vidas, uma passagem.

...

Não era de se sentir triste. Superava rapidamente os problemas que a afligiam, assim como o tanque que passa pelos inimigos. Porém naquele dia estava arrasada. Pegou sua moto e seguiu em direção a Sofia, que saíra de carro. Pamela e Ádamo num esforço de recuperar-se do impacto seguiram atrás, mas, como não tinham mais seus meios de locomoção, correram até a via principal para tomar um táxi. Pamela tremia-se, não gostava daquilo. Sofia estava drogada, Naiara descontrolada, vislumbrava o prenuncio de um desastre. Ádamo, no banco do passageiro, esforçava-se para identificar a trajetória das duas. Enquanto isso em sua moto, Naiara seguia Sofia numa perseguição infernal. Não era difícil alcançar Sofia com sua 500 cilindrada. Quando a moto se pôs lado-a-lado, Naiara gritava. Para esse carro sua puta! Para esse carro senão eu vou fazer uma besteira. Me deixa Naiara! Quero ficar sozinha! Sofia, eu te amo porra!!! Por que tu fez isso comigo!!! As palavras transpassaram o peito de Sofia. Quando olhou para Naiara seu olhar obstinado de ódio tinha lágrimas. Nunca havia visto Naiara chorar, a não ser de alegria, e ela era a principal causadora daquele mártiro. Logo atrás, há 200 metros, no táxi, Ádamo gritava. Vocês vão se matar porra!!! Parem com isso. Para o carro Sofia, vamos conversar.

Há de se pensar que numa história como essa poderia acontecer qualquer coisa, no entanto venho a perguntar (mais como desencargo de consciência) e propor uma vil reflexão moral. Não haveria de acontecer situação semelhante numa família como outra qualquer? Creio que não seria afronta questionar a ti, que me lê, e se fosse a tua, julgarias de forma diferente? Há de se diferenciar o amor que se dá em variadas nuances, mas, no entanto, permanece o mesmo? Amor de irmãos, amor

de carne, amor de pais e filhos, netos e avós, amor de amigos. Não seria de todo caso o mesmo amor? Diante disso o que motivaria tamanho ciúme? Em verdade o que seria este estranho sentimento? Algo que se origina de um sentir tão nobre e de uma hora para outra dá luz a uma revolta colossal. Não que seja hora para demais filosofias. Afinal devem estar curiosos para saber o que se sucedeu com tão intrigante situação. Você deve imaginar o que deve resultar do ciúme. Este sentimento de posse que decreta uma fronteira entre os conhecimentos mais íntimos pessoa-a-pessoa. De fato o que nos faz pensar que somos donos de alguém? Que presunçoso sentimento egoísta afirma ser impossível permitir que a pessoa amada sinta, goze ou conheça alguém, simplesmente por tê-la conhecido antes? Não seria isso o viver? O que faz a vida valer a pena? Essas nossas experiências inter-pessoais. Tudo bem! tudo bem! Sobre tudo na prática sofremos de “mal do instinto”. Este obscuro comando genético que nos faz preservar nossas características presentes no DNA, visando a proliferação. Talvez se Darwin fosse indagado sobre o ciúme teria boas considerações a fazer. Mas não me estenderei mais em divagações.

Foi falado no início que certo dia um jovem homem conjugou matrimônio com três belas mulheres. Disto podemos presumir que partiu dele a iniciativa do enlace conjugal. Errado! As três já viviam juntas e, como já é sabido, Ádamo tinha como seu pior medo ser privado de alguma de suas mulheres, pois ele era relevante na relação. Tal terror psicológico configurou-se em algo consideravelmente equiparado a uma fobia, que só os dotados de conhecimento nas ciências da mente humana poderiam definir. Não pode-se dizer que foi uma atitude bem pensada, pois quando tudo já se esta consideravelmente tenso, atizar fâsca em barril de pólvora não é exatamente algo de perfeita atitude sã. Pode-se dizer que foi o que fez Ádamo ao pular do carro em movimento para alcançar a entrada do veículo em que estava Sofia. O ato visceral motivou uma reação em cadeia que veio a resultar num desastre sem proporções. Do susto e pelo conseqüente reflexo, Sofia torcera o volante do veículo em sentido contrário ao que vinha Ádamo, colidindo violentamente com a moto de Naiara.

...

Não demorou para que centenas de pessoas aparecessem das mais variadas direções, excitadas e curiosas para assistir aquela recente tragédia que se figurava a sua frente. Sofia agarrada ao pescoço de Naiara, em prantos ardidados e vociferando maldições. Ádamo, terrivelmente ferido pelo arrependimento, em estado de choque, olhava sentado pelo chão inerte e sem vida. Pamela, que em magistral confusão dava voltas pelo corpo de Naiara, e chorava, pois não podia acreditar, tomada pela teimosa ilusão de querer não ver o que se dá a sua frente. Naiara, pelos motivos já ditos, esquecerera o capacete e na colisão tivera fatal fratura no crânio, vindo a falecer no mesmo instante. Naquele momento Pamela, que tinha sua personalidade como único obstáculo para a explosão dos seus sentimentos, somatizara todas as angústias recém adquiridas e resumiu seu sentir com algumas palavras de dor. **A CULPA É SUA SOFIA! Você matou a Naiara. Eu odeio você!!!**

Não fosse o calor da situação seria compreensível o fato de que coisas ruins são faladas em momentos ruins. Contudo geralmente a imprensa não avalia por esse tom. No momento em que Pamela vomitou aquelas palavras, oportunamente uma emissora de TV que passava por ali, atraída pela multidão formada no local, captou o exato momento da acusação proferida por Pamela em seu momento de transtorno emocional. Não tardou para os telefones tocarem nas redações com avaliações positivas do que poderia ser uma excelente história. Eu quero saber tudo sobre essa história! Disse o chefe de redação. Essa será nossa nova mina de ouro. Queria eu dizer que ele estava enganado, mas a massa adora tragédias cotidianas, prontamente se sensibilizam ou se empolam de ódio frente a uma história com monstros repugnantes, pobres vítimas e, inevitavelmente, com polêmicas morais. Para os jornais era um prato cheio. **TRAGÉDIA ENVOLVE GRUPO DE HOMOSSEXUAIS.** A notícia ecoou pelo jornal da manhã, foi reforçada no jornal do meio dia, e quando já era noite tornou-se o assunto mais debatido no horário nobre. Tornou-se comoção nacional. Os programas não tardaram a convocar especialistas, sociólogos, religiosos, membros das associações GLBT's, comentaristas comportamentais, psicólogos, toda estirpe de profissionais que pudessem extrair algo quente daquele assunto. Uns chegavam a dizer que era por conta da quebra na estrutura familiar, como ela é conhecida, que situações como essa aconteciam. Outros diziam que era obra do demônio e aquelas pessoas estavam pré-destinadas por suas escolhas. Mas não foram poucos os que diziam ter sido mais uma estúpida manifestação alienada da juventude de hoje. A polemica aumentou quando foi detectada a presença de droga no sangue de Sofia. Jornais mais sensacionalistas chegaram a dizer que a morte de Naiara tivera sido provocada no intuito de finalizar, de forma radical, o relacionamento que há muito não se desejava. Daí a caça incessante de Sofia por Naiara, que a essas alturas era a personagem abandonada e rejeitada por Sofia. Ádamo, num ato desesperado de salvar Naiara das intenções maléficas de Sofia, havia pulado no carro buscando parar o algoz que estava totalmente drogado e sem razão. Os pais de Naiara que nunca haviam tolerado o comportamento da filha passaram a ter ódio de Sofia e de seus

outros conjugues. E motivados por este amargo sentimento deram declarações cruéis a imprensa que tornaram a imagem da menina ainda mais empobrecida. Mas logo tornarei a falar sobre ela. Desejam saber o que se sucedera com Pamela e com Ádamo?

Pois sim. Não é de se espantar que tragédias como essas motivem mudanças radicais na vida dessas pessoas, que por ironia do destino são envolvidas em brutais injustiças cósmicas, acarretando na trilha oposta ao qual suas vidas estavam destinadas a seguir. Com esses dois não haveria de ser diferente. Não, de fato a de se incluir os três nessa predefinição. No entanto, com Ádamo e Pamela aconteceu de se estabelecer destinos semelhantes. O da loucura acarretada pelo arrependimento. Ádamo se sentia perversamente culpado por ter tomado tal decisão que resultara na morte de Naiara. Para si, sabia que era ele o único culpado. Não fosse ter sido tão impulsivo. Se não tivesse se desesperado tanto. E se... Era como sempre começavam as frases em sua cabeça. Passou a usar cocaína constantemente e a perambular pelas ruas três, quatro, cinco dias virados, desde que acontecera a tragédia, chamando pelo nome de Sofia, de Naiara e de Pamela. Tinha alucinações onde via os olhos de Naiara a sua espreita e ouvia o choro de Sofia e de Pamela. Ao fim da segunda semana depois de desesperadas tentativas de encontrá-lo, Pamela descobriu que ele também havia falecido devido a uma overdose.

Pamela passou a sofrer do mesmo mal quando num jato de sinceridade Ádamo, antes de iniciar sua fatal peregrinação, a acusou de ter provocado a ruína de Sofia, mesmo em face do conhecimento de que ele era o verdadeiro culpado. Teria se arrependido mortalmente por ter dito tão rudes palavras diante das câmeras. Amava Sofia como nunca tivera amado ninguém! Pelos outros cultivava uma amizade íntima, talvez paixão, mas por ela sentia amor. Amor verdadeiro. E agora ela era colocada como a principal testemunha de acusação de Sofia. Mesmo quando disse ter se exaltado pelo calor da situação quando estava no tribunal. Apática e visivelmente abatida pelo acontecimento de duas mortes em sua vida, demonstrava traços marcantes de depressão. No dia do julgamento, sabedor disso, o promotor interpelou suas afirmativas dizendo que naquele momento ela não sabia o que dizia, que as provas documentais em audiovisual comprovavam mais que aquelas comedidas palavras de arrependimento. Talvez, dizia ele, assim como Sofia estivesse sem condições de responder por si mesma, dada as circunstâncias daquela Tragédia comum, Pamela também não tivesse. Para Pamela havia sido a gota d'água, pois devido a incontestável comoção pública que abrangia toda a nação, não poderia aquele juizado e por sua vez o júri considerar o contrário mesmo que a própria "acusadora" tivesse se arrependido de sua acusação. E foi isso que aconteceu. Para seu desespero a Juíza decretou a prisão de Sofia mediante a acusação de crime culposos, quando não se tem a intenção de matar, e considerou-a incapaz de responder por si mesmo no momento do crime. Diante de tal desentendimento vendo os olhos de Sofia, que a essa altura em verdade já estavam de fato desprovido de lucidez, Pamela, consternada, atacara um policial à saída e roubara sua arma disparando sobre si uma bala que veio se alojar em seu crânio, provocando-lhe a morte instantânea.

Vejo que é isso que deve se esperar de quando se rompe laços tão interligados por algo além de nossa compreensão. Nesse caso creio que qualquer julgamento possa ser no mínimo discutível. Talvez seja o resultado desta fórmula matemática, ciúme *mais* intolerância *mais* justiça dos homens *mais* entretenimento de massa. O fato é que o último personagem desta história, Sofia, aquela a quem deixei para falar depois, pôde ser a prova de que tortos caminhos às vezes levam-nos a destinos certos. Foram anos difíceis seguidos de várias tentativas de suicídio. No entanto, após passar por diversas análises no hospital para doentes mentais em cárcere privado do município, Sofia reuniu forças e iniciou um movimento em nome dos seus.

Após seis anos esclareceu publicamente o que havia acontecido num livro e passou a liderar uma campanha contra o sensacionalismo da mídia, chamada "Seja a mídia!". Iniciou uma atuação pró-ativa na construção de políticas públicas para a democratização da mídia e contra a intolerância homofóbica. Se o mundo se portava assim, pensava, é porque a todos no mundo lhes eram impostos, sem opção, a crença de que aquela era a única realidade possível. Em dois anos tornou-se radialista e apresentadora de um programa que falava dos problemas da juventude. Tentou mostrar outros pontos de vista possíveis para se analisar uma situação. Sua luta em nome da tolerância passou a ganhar influência e a conquistar a amizade de diversas personalidades importantes. A partir desta atuação em meio tão nobre passou a defender ideais também virtuosos, em nome de uma mudança no padrão de vida da humanidade. Sofia nunca mais se casou, mas adotou três filhos que diz ser dela com seus únicos amores. Solteira por opção, hoje é umas das maiores personalidades no meio artístico e jornalístico. Sua última produção foi um livro de nome "O Amor sem Rótulos", que virou *best-seller* no primeiro mês de vendas. Seu maior feito foi conquistar a confiança e o amor dos pais de Naiara depois de 8 anos de sua morte. O livro foi dedicado a eles, que hoje se consideram avós legítimos de Antonio, Nádia e Paula.

Talvez fique a impressão de que nunca uma história assim, tão triste e catastrófica, pudesse ter um final feliz. E de fato não teve. Antes minhas palavras anteriores tivessem valor prático na vida desses personagens recém conhecidos. A passagem que lhes foi relatada, sobre a vida dos quatro, há de ser um pouco diferente da vontade de minha pretensiosa caneta. Pois a vida não é um conto cunhado por um escritor de quinta. A vida é complexa em sua simplicidade, e às vezes toma rumos, até previsíveis, que nos envergonhamos de contar ao final. Nessa história não houve final feliz, assim como não houve perseguição, não houve mortes catastróficas, nem julgamentos em rede nacional, muito menos a reviravolta surpreendente na vida de Sofia.

De fato naquela noite ninguém dormiu, nem conversaram nada. De fato iniciou-se uma nova fase de suas vidas. Sofia passara agora suas noites fora. Reunia-se com seus amigos de farra. Bebia e bebia para consolar o nó na garganta de sua recente perda. Em meio aos rostos alegres, sua taça de vinho continha a nostalgia dos prazeres vividos com seus três amores perdidos, o arrependimento de suas vontades volúveis, e a imensa “misantropia ocultada” dos boêmios. Tinha em suas costas a culpa da dissolução.

Após aquela noite insone e silenciosa, o café da manhã tornara-se diferente. Nairara precisara de uma noite inteira para digerir todos os seus sentimentos, e ao final, com o amanhecer do dia, o amor havia-se exaurido. A mágoa tomara os espaços da casa como a poeira trazida pelo vento. Naiara foi a primeira a ir. Disse ainda ter profunda estima por Ádamo e Pamela, e que seu carinho por Sofia permanecia o mesmo. Queria que ela fosse feliz. Tinha recebido há alguns dias um chamado para trabalhar em outro estado e, mediante as circunstâncias, não via o porquê de recusar. Sofia ficou sabendo depois desta decisão. Da noite em que partira, só retornou na noite que seguiu. Acreditava que Naiara retornaria. No início correspondia-se por e-mail, trocavam algumas cartas até que ambas tornaram-se escassas e por fim, cessaram. Souberam, meses depois, que passou a viver com outra mulher. A conhecerá no avião. Não se amavam, mas tinham uma pela outra o respeito e carinho suficiente para estabelecerem um companheirismo mútuo. Os anos se passaram e nunca mais se ouviu falar de Naiara.

Ádamo e Pamela também decidiram viajar. Durante as primeiras semanas convivendo os três na mesma casa em que antes conviviam os quatro, passaram a sentirem-se mal na presença de Sofia. Logo na primeira semana não conseguiram mais dormir na mesma cama que ela. Sofia bebia cada vez mais e chorava por Naiara. Passou a se ausentar mais tempo de casa. E numa dessas ausências, quando retornou a casa, encontrou-a parcialmente vazia e sobre a mesa da cozinha, uma carta. Eram palavras breves. Decidimos antecipar nossa viagem de mochilão pelo litoral. Não sabemos quando voltaremos. Não se perca Sofia! Encontre seu lugar no mundo. Para sempre, amor.

Foram dias tristes os que se seguiram. Após três meses, Sofia soube que Ádamo e Pamela se separaram. Pamela seguiu para Ásia e por lá se instalou. Ádamo ficou no litoral e tornou-se caseiro de uma casa de praia. Foram as últimas notícias que teve. Neste dia ela dirigiu até o fim da cidade, acompanhada de sua garrafa de wisk, e desejou morrer. Conseguiu somente gritar. Chorou e gritou tanto que perdeu as forças. Cochilou dentro do carro, no acostamento, vendo uma foto dos quatro. Foi conduzida para casa pelos policiais rodoviários que a encontraram deitada sobre os bancos com os restos da bebida no assoalho do carro.

A casa tornara-se sozinha, e de vez em quando, para não enlouquecer de solidão, Sofia dava festas. Envolveu-se com outros homens e mulheres, mas nunca esquecera dos três amores de sua vida. De vez em quando podia ter certeza que os via dançar em meio aos transeuntes ébrios de suas loucas fantasias comemorativas. Até que foi envelhecendo e para não morrer só, resolveu casar-se com Rafael. Um jovem rapaz que a amou loucamente numas dessas noites ardentes de folia. Era bom e justo, e isso bastava para Sofia. Ele sabia que ela não o amava como gostaria, mas só exigia dela fidelidade, e contentava-se com isso. Dava tudo que ela necessitava para viver bem, e fingia não ver os inúmeros e crescentes quadros com os rostos dos três amantes antigos, que amontoavam-se pela casa. Não tiveram filhos, nem muitos momentos felizes. Apenas os que a boemia de Sofia proporcionava, quando ela parecia dançar sozinha e falava com pessoas que ele não via.